
dados do Projeto de Pesquisa

título do Projeto de Pesquisa:**Mídia e Biopolítica: relações entre processos midiáticos, governamentalidade e biopolítica.**

grande área/área segundo o CNPq

Ciências Sociais Aplicadas / Comunicação e Informação

https://goo.gl/JB3tAs):

grupo de Pesquisa vinculado ao projeto:

NAVE - Núcleo de Artes Visuais Experimental

linha de pesquisa do grupo de pesquisa vinculado ao projeto:

Mídia, Imagens e Representações

categoria do projeto:

☐ projeto em andamento, já cadastrado na PRPI

☐ projeto não iniciado, mas aprovado previamente

☒ projeto novo, ainda não avaliado

palavras-chave:

Mídia; Biopolítica; Governamentalidade; Biopoder

Mídia e Biopolítica: relações entre processos midiáticos, governamentalidade e biopolítica.

01. Introdução

O termo Biopolítica (“biopolitique”) surge na obra do filósofo francês Michel Foucault em 1974 na Conferência “O Nascimento da Medicina Social”. A partir de então, o conceito se torna presente na obra de Foucault em outros textos: “Em Defesa da Sociedade” (1975-1976); no último capítulo do volume 1 de “História da Sexualidade” (1976) e nos cursos “Segurança, Território e População” (1978) e “O Nascimento da Biopolítica” (1979) proferidos no Collège de France. O ponto central em todos esses textos é a compreensão de que os processos biológicos que afetam o corpo se tornaram objeto de investimento político. Foucault inaugura, em alguma medida, uma série de investigações que buscam compreender as formas como isso ocorre. O objetivo central deste projeto é empreender uma pesquisa sobre o lugar e a presença da mídia dentro de estratégias biopolíticas. De que forma a mídia participa dos processos e estratégias que envolvem a biopolítica? Para tentar formular alguns possíveis caminhos dessa pesquisa, faz-se necessária uma breve apresentação da leitura de alguns autores, notadamente da Filosofia. No campo da Comunicação, é possível encontrar alguns autores que trabalham a relação entre corpo e mídia. A relação entre mídia e biopolítica é, no entanto, algo ainda novo que, em alguma medida, essa pesquisa pretende contribuir aproximando-se de estudos que possam ajudar a uma abordagem original sobre poder, corpo¹ e mídia.

O filósofo italiano Giorgio Agamben inaugura *Homo Sacer* lembrando que os gregos não usavam uma única palavra para exprimir “vida”. Utilizavam, na verdade, dois termos para exprimir tanto do ponto de vista morfológico como semântico a compreensão de “vida”: *Zoes* e *Bios*. De um modo geral, *zoës* estaria circunscrita à vida biológica do indivíduo enquanto *Bìos* significava uma forma de viver própria de um indivíduo ou de um grupo. Nas línguas modernas, essas duas compreensões de vida foram se tornando opacas e um único termo passa a designar as diferentes formas de vida. Agamben propõe com o termo “forma-de-vida” a compreensão de que uma vida jamais pode ser separada

¹Aqui não se ignora que há diferentes compreensões sobre corpo sobretudo a partir das leituras de autores como Paula Sibília, Judith Butler, Eduardo Viveiros de Castro entre outros que instigam reflexões a partir de uma compreensão de corpo para além da compreensão tradicional da biologia, natureza ou fisiologia. O trabalho parte então da consciência da novidade trazida por essas autoras e esse autor, embora não deva se aprofundar num debate sobre os diferentes conceitos, noções e compreensões de corpo.

da sua forma ou que jamais é possível isolar alguma coisa. Para Foucault, o que está em jogo hoje é a vida e a política passa então a ser biopolítica.

Diante disso, nos apoiando nas reflexões de alguns autores (Foucault, Agamben, Sibilia, Bauman, Gomes) tentaremos traçar alguns caminhos de pesquisa em que a mídia se mostra presente dentro das estratégias biopolíticas.

Como ponto de partida inicial nessa presença da mídia na biopolítica, Agamben (2015) chama atenção para o fato de que se o que os homens tivessem a comunicar fosse sempre uma coisa ou algo objetivo, jamais haveria política, mas conflito e troca; sinais e respostas. A política surge num espaço vazio em que políticos e mediocratas procuram assegurar controle, separando esse espaço em uma esfera que impede e dificulta a comunicabilidade entre os sujeitos.

Não basta, portanto, que a pesquisa simplesmente identifique formas e representações da biopolítica na mídia considerando que há uma parte enorme da biopolítica fora de uma representação midiática. É, nesse sentido, que interessa sobretudo os processos midiáticos aqui entendidos num sentido mais amplo que envolve desde os controles da informação e da comunicação por grandes corporações até a legitimação de alguns discursos e lugares de fala na mídia em detrimento de outros que foram apagados ou simplesmente invisibilizados já que nunca ocuparam ou estiveram presentes na mídia, ocupando quando muito a periferia de experiências alternativas de comunicação.

A verdade, o rosto e a exposição são hoje objeto de uma guerra civil planetária, cujo campo de batalha é toda a vida social, cujas tropas de assalto são os *media*, cujas vítimas são todos os povos da terra. Políticos, mediocratas e publicitários compreenderam o caráter insubstancial do rosto e da comunidade que ele abre e o transformam em um segredo miserável do qual se trata de assegurar, a qualquer custo, o controle. O poder do Estado não está mais fundado, em nosso tempo, no monopólio do uso legítimo da violência, mas, antes de tudo, no controle da aparência (da *doxa*). A constituição da política em uma esfera autônoma vai junto com a separação do rosto num mundo espetacular, no qual a comunicação humana é dividida por si mesma. A exposição transforma-se, assim, em um valor que se acumula através das imagens e dos *media* e sobre cuja gestão vela de modo ciumento uma nova classe de burocratas. (AGAMBEN, 2015, p. 90)

Na tentativa de elaborar um recorte inicial da biopolítica, buscará se focar em quatro grandes macro-temas: 1) a governamentalidade; 2) o consumo; 4) as formas e

práticas de resistência. De forma breve, serão apresentados os quatro temas dentro da compreensão de biopolítica na tentativa de começar uma articulação com os estudos de mídia.

Nas palavras de Foucault, “governamentalidade” pode ser assim definida:

Por esta palavra ‘governamentalidade’, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, as análises e reflexões, os cálculos e as estatísticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por ‘governamentalidade’ entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a premência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo e, por outro lado, o desenvolvimento de uma série de saberes. (FOUCAULT, 2008, pp. 143-144)

A junção das palavras “Governo” e “Mentalidade” deve ser entendida não apenas como algo que caracterize a Razão de Estado. É algo que perpassa a constituição e mesmo vivência dos sujeitos na sociedade. É a incorporação de uma “mentalidade governamental” na forma de agir e de pensar dos indivíduos. Judith Butler (2017) afirma que é importante ver o poder não como algo externo aos sujeitos e indivíduos, mas algo que os constitui enquanto sujeitos.

Bauman (2012) chama atenção para o fato de que o endividamento da população com os bancos após a crise de 2008 não significou uma “crise do sistema”. O endividamento da população é o sistema alcançando seu sucesso levando ao controle de toda a população a partir de um débito a se pagar. Ao mesmo tempo, Bauman chama atenção para o fato de que nas redes sociais os sujeitos se apresentam não como efetivamente são (algo impossível), mas como um produto com determinadas características ou como gostaria de ser vistos e, ao mesmo tempo, “consumidos”. Passam a se tornar números num algoritmo universal. Em todos esses processos, a governamentalidade e o consumo são melhor compreendidos numa articulação teórica que envolva os estudos de mídia.

Antes de se falar sobre práticas de resistência, é importante ressaltar que a racionalidade neoliberal promove a possibilidade de os indivíduos fazerem suas escolhas conforme a oferta de consumo. As práticas neoliberais acabam por confrontar a soberania do Estado diante da impossibilidade de haver domínio estatal sobre a totalidade dos processos socioeconômicos. A vigilância disciplinar exercida na liberdade econômica tem por objetivo o interesse e a utilidade do mercado. Por isso, a disciplina pode ser vista como uma prática conforme os propósitos do governo liberal. É sempre bom lembrar que Estado e Mercado não se opõem no Neoliberalismo como muitas vezes quer fazer crer uma sorte de críticos ao neoliberalismo que trabalham com a dicotomia Estado versus Mercado. Para Foucault, no neoliberalismo o Estado atua junto ao Mercado na defesa dos interesses do Mercado.

Foucault considera incompatíveis práticas disciplinares com uma racionalidade econômica (2008 a). Para ele, há um processos oscilatórios que permitem aos indivíduos a adoção de práticas minoritárias. Interessa a este trabalho investigar diferentes práticas de resistência a uma governamentalidade neoliberal naquilo que o pesquisador John Downing (2002) chamou de Mídia Radical, que vem sendo atualizado nos últimos anos.

02. Objetivos e metas a serem alcançados

02.1. Objetivo geral

O objetivo central deste projeto é empreender uma pesquisa sobre o lugar e a presença da mídia dentro de estratégias biopolíticas buscando compreender de que forma a mídia participa dos processos e estratégias que envolvem a biopolítica?

02.2. Objetivos Específicos

- Revisão de Literatura das obras dos principais autores da Biopolítica: Michel Foucault, Roberto Esposito, Peter Pal Pelbart, Achille Mbembe, Giorgio Agamben;

- Revisão de Literatura das obras de alguns autores da Mídia e Poder: Maria Helena Weber, Wilson Gomes, Luiz Felipe Miguel;

- Revisão de Literatura das obras de autores de obras que articulam Mídia, Poder e Corpo: Paula Sibilia, John Downing.

- Articular reflexões dos campos da Comunicação, da Política e da Filosofia na busca de uma compreensão dos fenômenos e estratégias da Biopolítica;

- Identificar as interfaces dos estudos comunicacionais com o tema da Biopolítica e do Biopoder;

02.3. Metas:

- Promover Grupo de Estudos sobre Mídia e Biopolítica com o objetivo de aproximar os estudantes de Comunicação dos autores e debates da Biopolítica;

- Produção de artigos científicos a serem apresentados em eventos científicos e enviados a periódicos de Comunicação com temas que envolvam Mídia e Biopolítica;

- Dentro do Grupo de Pesquisa, organizar evento de curta duração com debates abertos sobre Mídia e Biopolítica, notadamente os temas relativos a Mídia, Poder e Corpo.

02.3. Metodologia

Por se tratar de algo novo no campo dos estudos comunicacionais, pode-se dizer que a pesquisa buscará diferentes métodos para acumular reflexões sobre os temas da Mídia e da Biopolítica. Nesse sentido, pode-se dizer que a pesquisa vai se basear na Pesquisa Bibliográfica, na Análise Documental e na Análise Crítica do Discurso.

A pesquisa bibliográfica é recomendada para o mapeamento da produção disponível e para articulação de noções, compreensões e conceitos, que entrelaçam saberes de diversas fontes. O método, de caráter descritivo-discursivo, não costuma apresentar características de reprodutibilidade (algo impensável nas ciências humanas de uma forma geral). Não se pretende esgotar toda a literatura produzida sobre o tema, mas na construção da articulação entre diferentes autores e obras da Mídia e da Biopolítica (o que inclui obras literárias, filmes documentais, longa metragens de ficção, pichações, ensaios fotográficos, experiências de mídia alternativa) oferecer a pesquisas futuras esse mapeamento de obras surgidas na Interface dos dois temas.

Enquanto a pesquisa bibliográfica se relaciona com as contribuições de diferentes autores sobre os temas da pesquisa, a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico. Nesse sentido, a pesquisa abre a possibilidade de investigar documentos como jornais, revistas, produção nas redes sociais e na hipermídia como jornais online. Ao mesmo tempo, outros documentos tais como filmes, ensaios fotográficos, cartazes, produtos publicitários. Dependendo do curso da pesquisa, documentos das políticas de comunicação do Governo Federal, notadamente resoluções e portarias do Ministério das Comunicações e da Agência Nacional de Telecomunicações poderão vir a ser analisados, bem como documentos produzidos por entidades que lutam pela democratização da Comunicação no país, notadamente o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, Agência de Notícias dos Direitos da Infância e do Coletivo Intervenções. Esses documentos podem ajudar a compreender as relações entre as políticas governamentais de comunicação e a Razão de Estado neoliberal, ou, dito de outra forma, a governamentalidade na sua expressão no ordenamento normativo. Outros documentos podem vir a ser analisados dependendo do andamento da pesquisa.

Van Dijk (2017) lembra que o poder da mídia tem despertado uma série de estudos críticos em linguística, semiótica, pragmática e análise de discurso. Enquanto os primeiros estudos da linguagem se concentravam na superfície dos discursos, na análise

crítica dos discursos, interessa não apenas o conteúdo das falas ou daquilo que está expresso, mas compreender porque determinadas falas e discursos aparecem e são considerados legítimos. Para isso, é importante não só conhecer os discursos mas o que levou a esses discursos se tornarem legítimos em relação aos demais. A pesquisa se aproxima então da Análise Crítica do Discurso.

Por fim, apresentamos as estruturas que Van Dijk (2017) enumera como possíveis para uma análise crítica do discurso: estruturas não verbais; sons; sintaxe; léxico; significado local; Significado Global; esquemas (formas Convencionais de organização global do discurso); dispositivos retóricos; atos de fala; interação.

03. Principais Contribuições Científicas da Proposta

O resultado de uma pesquisa na área de Humanidades é difícil de ser mensurado de forma precisa e objetiva. Muitas vezes a contribuição de uma investigação científica é perceptível de forma fluida e fragmentada ao longo do tempo sem necessariamente gerar resultados imediatos, rápidos e palpáveis como pesquisas em outras áreas costumam ter a crença de atingir.

Há, sem dúvida, a possibilidade de que uma pesquisa sobre Biopolítica denuncie violências que ocorrem de forma sistemática e, ao mesmo tempo, sutil com discursos e práticas midiáticas envolvidas. Porém, mesmo isso, é difícil de ser elencado como contribuição palpável no início de uma proposta investigação científica. Nesse sentido, as contribuições são menos ousadas e envolvem sobretudo a aproximação de dois campos de conhecimento diferentes, a Comunicação e a Filosofia.

Ao mesmo tempo, esse debate que envolve temáticas relativas ao corpo e à mídia são muitas vezes restritas às vanguardas artísticas pouco interessando ao debate da mídia e política. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que se associa a um conjunto muito recente de pesquisas científicas. O campo da Comunicação é conhecido pelo seu caráter interdisciplinar bebendo em fontes e áreas diferentes. Uma área que na contemporaneidade se constitui a partir da leitura de áreas distintas como sociologia, psicologia, ciência política, educação, linguística, artes, filosofia e antropologia.

O trabalho traz para a região do Cariri e para o Estado do Ceará a ousadia de debater no campo da Comunicação um estudo sobre Biopolítica. Uma novidade nos estudos comunicacionais que poderá permitir contribuir para pesquisas novas articulando esses dois campos. Os estudos de Biopolítica não são novidade na Filosofia – embora o livro “O Nascimento da Biopolítica” de Foucault só tenha sido traduzido em 2008 constituindo ainda um trabalho recente no Brasil – nem os estudos sobre corpos na Mídia. Porém essa articulação é nova e assim se espera contribuir com o desdobramento em outras pesquisas sobre o tema ao longo dos anos, notadamente pela constituição de um Grupo de Estudos aberto não só a Bolsista mas a estudantes e interessados no tema, bem como na ousadia de realização de debates abertos e, se possível, num Colóquio de Mídia Biopolítica, em 2019, na Universidade Federal do Cariri, algo inédito na região e no Estado do Ceará.

04. Cronograma

Mês 01

- Mapeamento de obras de Biopolítica;
- Mapeamento de obras de Mídia e Corpo;
- Seleção dos primeiros textos de leitura e estudo;
- Organização do Grupo de Estudos (Divulgação, definição de local das reuniões, formatos dos encontros do grupo).

Mês 02

- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;
- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;

Mês 03

- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;
- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;
- Seleção de arquivos documentais a serem investigados

Mês 04

- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;
- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;

- Início da Pesquisa documental.

Mês 05

- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;
- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;

Mês 06

- Início da escrita de artigo científico.
- Leituras supervisionadas sobre Biopolítica;

Mês 07

- Pesquisa Documental;
- Investigação científica a partir da leitura dos autores de Biopolítica, Mídia e Corpo;
- Reuniões do Grupo de Estudos;
- Escrita de artigo científico;

Mês 08

- Pesquisa Documental
- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;
- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;
- Finalização de primeiro artigo científico.

Mês 09

- Pesquisa Documental
- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;

- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;
- Preparação de evento sobre Mídia e Biopolítica a ser realizado em junho.
- Início da escrita de segundo artigo científico

Mês 10

- Pesquisa Documental
- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;
- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;
- Preparação de evento sobre Mídia e Biopolítica a ser realizado em junho.
- Escrita de segundo artigo científico.

Mês 11

- Pesquisa Documental
- Estudo dos textos considerados centrais para a compreensão da Biopolítica;
- Estudo dos textos considerados centrais na compreensão da relação Corpo e Mídia;
- Estudo dos textos considerados importantes para a compreensão da Comunicação Política e suas possíveis interfaces com a Biopolítica;
- Reuniões do Grupo de Estudo;
- Escrita de segundo artigo científico.

Mês 12

- Elaboração de relatório final
- Participação em Encontro de Iniciação Científica na área de Comunicação

Referências

Agamben, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2010.

Agamben, Giorgio. **Meios sem Fim: notas sobre a política**. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.

Bauman, Zygmunt. **Vidas para o Consumo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2010.

Bauman, Zygmunt. **Vida a Crédito**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2012.

Downing, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo, Senac, 2002.

Esposito, Roberto. **Bios. Biopolítica e Filosofia**. Belo Horizonte, ed. UFMG, 2017.

Foucault, Michel. **Do Governo dos Vivos**. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

Foucault, Michel. **História da Sexualidade. V. 1: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2012.

Foucault, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

Foucault, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

Gomes, Wilson. **Transformações da Política na Era da Comunicação de Massa**. São Paulo, Paulus, 2004.

Mbembe, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo, N-1 Edições, 2017.

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, N-1 Edições, 2018.

Pelbart, Peter Pal. **Vertigem por um Fio**. São Paulo, Iluminuras, 2018.

Pelbart, Peter Pal. **O Averso do Niilismo**. São Paulo, N-1 Edições, 2018.

Rocha, Maria Eduarda. **Nova Retórica do Capital**. São Paulo, Edusp, 2010.

Sibilia, Paula. **O Homem Pós-Orgânico: a alquimia dos corpos.** São Paulo, Contraponto, 2015.

Temple, Giovana Carmo. **Acontecimento, Poder e Resistência em Michel Foucault.** Cruz das Almas, UFRB, 2013.

Van Dijk, Teun A. **Dicurso e Poder.** São Paulo, Contexto, 2017.